

# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

## REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS

Esse projeto surge da observação e curiosidade por uma das paisagens esquecidas mais impactantes da cidade de Porto Alegre. Intrigante aos passantes, a ferida aberta no Morro Santana tem mais de 110m de altura e 200m de largura, sendo parte do imaginário público da população. Território que abriga o ponto mais alto da cidade, com 311m, tem sua história marcada por abrigar sede da sesmaria de Jerônimo de Ornellas e mais tarde a Casa Branca e sede dos Farrapos durante a Revolução Farroupilha. Na década de 70, a exploração mineratória agressiva ilegal, realizada para extração de granito rosa, estremeceu os bairros vizinhos com dinâmicas.

Antes da colonização, o Morro Santana era território de povos originários do Sul. Desde 2008, tribos Kaingang e Xokleng reivindicam direitos sobre a área. Em outubro de 2022, a Cacica Gah Té liderou a Retomada Gah Ré, ocupando a área ao pé da pedra. Contudo, enfrentam uma disputa judicial com uma família oligarca banqueira – proprietária da área – que pretende construir mais de 10 torres na área, antes considerada de preservação permanente até 1994.

Hoje, o local recebe visitantes para ecoturismo, com atividades como trilhas, slackline e escalada, muitas vezes guiadas por moradores locais e membros da tribo. No entanto, o Morro Santana enfrenta várias vulnerabilidades, desde a exploração minerária até a ocupação irregular na vila de antigos trabalhadores, com falta de moradia digna. As comunidades vizinhas enfrentam problemas como deslizamentos e ausência de saneamento. Ambientalmente, a privatização de áreas no morro resultou no crescimento de vegetações exóticas, como o Pinus e o Eucalyptus, que secam nascentes e reduzem a mata nativa. O Morro também sofre incêndios recorrentes, como os de 2015, 2018, 2020 e 2024, agravados pela vegetação mais seca.

Visando preservar a paisagem cultural da pedra e o patrimônio imaterial da tribo indígena residente, além de promover a história da mineração e potencializar o ecoturismo, o projeto tenta atuar de forma holística. Iniciando com um master plan proveniente de visitas e análises, é proposta a criação de um Parque e Museu Paisagem no Morro Santana. Para o projeto, foi definida uma área de recorte, onde o museu paisagem se estende ao longo de 7 pontos.

Com inserções sensíveis, as edificações fazem parte de um percurso histórico e sensorial pelo morro, que varia seu tipo de intervenção conforme a topografia e o contexto natural.



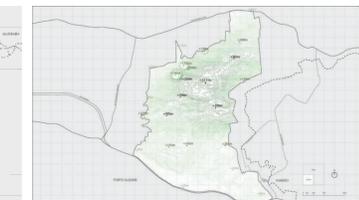
**LOCALIZAÇÃO E BAIRROS**  
A área de 920ha está localizada nos bairros Morro Santana, Jardim Carvelho e Aparimã. Terço que limita norte e sul, respectivamente, pela Avenida Protásio Alves e a Avenida Antônio de Carvalho e a oeste a divisa com o município de Viamão.



**HIDROGRAFIA E ÁREAS DE PRESERVAÇÃO**  
O Morro Santana é berço de dezenas de nascentes de arroios, como o Arroio dos Mirantes e o Arroio Ilhéus, do sul da área. Percebemos a influência da mata nativa do morro estáo decaído devido a presença de espécies exóticas de vegetação que absorvem muita água.



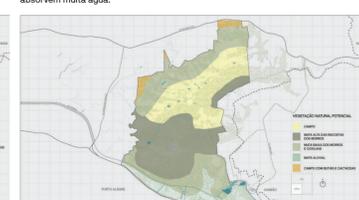
**GRÃO DA CIDADE, GRÃO NATURAL**  
Observa-se através deste mapa, o construído com processo acelerado de "invasão" do grande urdo verde. Processo de invasão de mata nativa gerada, principalmente por loteamentos espúrios. Em divisa com este, percebemos o avanço de um grão maior, o da especulação imobiliária de repetição.



**TOPOGRAFIA**  
No Morro Santana se encontra o ponto mais alto de Porto Alegre, com 311m. Nesta análise percebe-se as maiores altitudes concentradas ao norte da área, situando o Cume do Morro. O ponto mais alto da área, o Cume do Morro, encontra-se no trecho canalizado da Av. Piranga. No mapa também ficam claras as expressivas marcas deixadas nas duas pedreiras presentes na área.



**VEGETAÇÃO**  
Nesta análise foi mapeado pelo autor, através de dados de satélite, aerofotografias e visitas, as zonas visitadas com mata nativa, as zonas de campo nativo, e as zonas com arborização exótica. Nota-se um grande avanço na disseminação de pinus e eucalypto, espécies não nativas que secam o solo e as nascentes, com crescimento acelerado.



**VEGETAÇÃO NATURAL POTENCIAL**  
Mapeamento feito a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre, com a vegetação nativa potencial de cada zona do Morro Santana. Esse estudo guiará o Projeto do Parque, realizado a partir da criação do Parque.



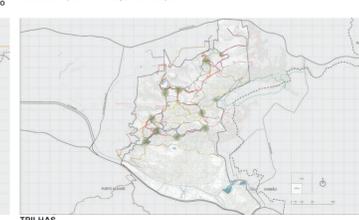
**VULNERABILIDADES: OCUPAÇÃO IRREGULAR EM ÁREAS DE RISCO**  
Feito a partir dos relatórios da Prefeitura, Defesa Civil e Secretaria de Habitação, foram mapeadas as vilas de Porto Alegre e confrontadas com as zonas de risco. Dentro das ocupações de risco destaca-se a Vila das Santanetas e a Vila Pedras do Rio. Há uma ocupação de risco de massa, ainda sobre com falta de abastecimento de água. As sul ainda temos ocupações bastante perto da borda e Rede de Alta Tensão do Substação Jacó dos Matos.



**MAPA SÍNTESE DE TRILHAS E PONTOS**  
Neste mapa observa-se em verde os principais pontos de positivos de atratividade para o projeto. Enquanto em branco temos as existências que geram desafios na área.



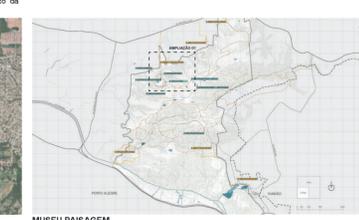
**MAPA SÍNTESE VULNERABILIDADE**  
Neste mapeamento, pode-se confrontar as ocupações irregulares, as áreas de risco, e perceber como estão afetadas a proximidade de áreas de APP, os cursos d'água ou proximidade da rede de alta tensão, traçada em linhas amarelas. Os principais focos de risco do solo, ainda podemos observar em manchas amarelas, os principais focos de risco do solo.



**TRILHAS**  
Mapa resultante da sobreposição de 24 trilhas selecionadas da plataforma "Wikiloc". Nota-se a diversidade de trilhas, resultantes como pontos de interesse.



**MAPA DE PROPOSIÇÃO DE EQUIPAMENTOS**  
O mapa reúne os pontos estratégicos selecionados para a inserção de equipamentos. Em amarelo, os amplificadores que marcam os acessos, enquanto em laranja encontra-se o acesso principal. Em azul, os demais programas propostos.



**MUSEU PAISAGEM**  
Instalado no entron Parque do Morro Santana, o Museu Paisagem Presença da Ausência se dá pela experiência ao longo do percurso entre as instalações e edificações implantadas. Ele é apresentado em um recorte da ampliação 01, com um conjunto de 7 intervenções que proporcionam experiência cultural, sensorial e natural ao longo do trajeto.



1. Centro de Visitantes; 2. Centro da Cultura Indígena; 3. Intervenção na Ruína; 4. Casa de Culto; 5. Amp. Paisagem: Mirante/Estar; 6. Intervenção Marco Geodésico; 7. Escola Indígena (junto à aldeia da Retomada Kaingang Xokleng)

um percurso sensorial cultural, do tectônico à leveza, entre permanência e efemeridade, do modificado ao natural, sensível ao ambiente e à história.

**INTERVENÇÃO O LUGAR DEFINE O TEMA**  
Através de uma abordagem na qual a escolha do tema veio depois da escolha do local, o tema e o programa se dão através da investigação do lugar, das potencialidades e desafios. Por meio da análise do Genius Loci, das necessidades do ambiente natural e da comunidade habitante.

**A CONSULTA POPULAR CONSTRÓI O PROGRAMA**  
A definição do programa está em construção, uma vez que para está, está sendo estudada e ouvida a população local, tantos de moradores do entorno, quanto de moradores indígenas das tribos Kaingang e Xokleng.

**SÚTIL SOCIALMENTE**  
Devido ser um território indígena, com ocupação de 45 famílias de tribos indígenas, o processo está sendo feito com o estudo, exposição à sua cultura e escuta dos membros da tribo, bem como das demais comunidades residentes.

**SÚTIL AMBIENTALMENTE**  
Por se tratar de uma área degradada permanentemente pela exploração extrativista do passado, foram feitas proposições de impacto ambiental e na paisagem extremamente baixos, porém visando o alto impacto arquitetônico e sensorial. Buscando a requalificação e reparação ambiental.

**PERCURSO AMPLIAÇÃO 01**  
Como delimitação de área de intervenções e proposições para a primeira etapa do projeto, foi definida a ampliação. A área consiste no acesso principal do Parque Morro Santana, que a partir da Av. Protásio Alves segue pela Rua Ney da Gama Ahrends, passando por uma sucessão de uma praça linear de 3 quadras (hoje sobras de doação de loteamentos) chegando ao fim da rua no Apoio do Parque, edificação de apoio para visitantes, com treinamentos, recepção e exposições sobre a história do local. A ordem e disposição dos 7 elementos arquitetônicos foi pensada a partir da construção de uma reflexão e pensamento do visitante. Nas primeiras 3 edificações -- Apoio do Parque, Centro da Cultura Indígena e Intervenção na Ruína Kaingang e Farrapos -- primeiro recebe conhecimentos sobre a riqueza natural, do histórico de extração e ataques ambientais da área natural; na sequência, aprende sobre a cultura indígena na história da cidade e presença no local, e é apresentado ao morro santana como território sagrado para os indígenas; e então encontra a Ruína Farrapos e Kaingang, onde pode vivenciar a história e aprender com o sítio arqueológico. Após se deparar com a imensidão e beleza da Pedreira do Asmuz, o visitante é guiado até a Casa de Culto no primeiro patamar da pedra. Como um ritual de transição, o visitante tem um momento de instrospeção, reflexão e reza, ao andar no ambiente intimista que promove a sensibilidade ao grande paredão rochoso. A partir daí inicia-se a ascensão, física e intelectual, para vivenciar as experiências sensoriais proporcionadas pelo Amplificador Binômio e pelo Mirante do Marco Geodésico.

Por fim, ao retornar da trilha, com todos os aprendizados e sensibilizações proporcionados, o visitante é convidado a visitar a aldeia Kaingang. Nela pode ser recebido pela tribo e visitar a edificação da Escola Indígena.



**CONCEITO**  
Por se tratar de uma área degradada permanentemente pela exploração extrativista do passado, foram feitas inserções sensíveis no terreno e com uso de simbolismo histórico e sensorial nas concepções arquitetônicas. As intervenções arquitetônicas se dividem e caracterizam em três momentos: **Tectônico**, **Transitório** e **Leve**. Esses momentos se alternam conforme posição na topografia durante o percurso, conforme materialidade, simbolismo, contexto natural e programa proposto (entre permanência, transição e permanência breve).

**TECTÔNICO**  
Consiste nas edificações permanentes: Apoio do Parque; Centro da Cultura Indígena e Escola Kaingang. Marcado por maior interações com o solo e materiais tectônicos, como a pedra e a terra. Abriga os programas de maior permanência.

**TRANSIÇÃO**  
Como um ritual de transição, momento marcado pela Casa de Culto. Nela o dispositivo se relaciona especialmente com o paredão rochoso, promovendo relações de luz e sombra específicas. Tem seu exterior de troncos de pinus, e interior com acabamento em madeira carbonizada. Promove reflexões para ascensão em território sagrado indígena.

**LEVE**  
Todas as edificações implantadas na topografia elevada e natureza mais preservada, são de menor impacto possível, tanto visualmente quanto de implantação no solo. São dispositivos "amplificadores de paisagem", de permanência breve, bem como sua existência, facilmente removida.



**ARQUITETURA INDÍGENA**  
A partir de estudos provenientes do livro "A arquitetura dos índios" de Van Lengen, estudou-se os dois tipos de abrigos indígenas da tribo Kaingang. Os abrigos temporários consistiam na evolução de uma cobertura inclinada, que iniciava com uma folha protegendo da insolação, e poderia evoluir para uma água estruturada com madeira, ou por fim uma cobertura de duas águas. Já os abrigos permanentes constituíam uma construção subterrânea, de formato circular, com um banco esculpido na topografia, cobertura circular acima do nível do solo e fogueira central. A partir destes estudos, esses elementos de composição entram para o alfabeto formal e simbolismo dos projetos.



Fonte: livro "A arquitetura dos índios", Van Lengen



Morro Santana,  
Terra Kaingang e Xokleng,  
Das nascentes do Jacareí,  
Que limita e abriga Porto Alegre,  
Entre morro e rio,  
O ponto mais alto da cidade,  
Foi sesmaria de Jerônimo de Ornellas,  
E de lá se deu nome a Viamão,  
Mais tarde,  
Fazia Porto Alegre estremecer,  
Para extrair a pedra rosada,  
Exploração que deixou marcas,  
Feridas abertas na cidade,  
Que hoje tentam cicatrizar,  
Mas que amanhã podem ressignificar

Fotografia: Thiago Kerche